



Características habitacionais da população residente no meio rural da Região Cacaueira da Bahia

**SALVADOR D.P. TREVIZAN
JANETT L.R. FREITAS FERREIRA**

Boletim Técnico 120

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA
Órgão vinculado ao Ministério da Agricultura

**Centro de Pesquisas do Cacau
Km 22 Rodovia Ilhéus-Itabuna
Bahia, Brasil**

1983

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA

Órgão vinculado ao Ministério da Agricultura

Presidente: Ângelo Amaury Stabile, **Ministro da Agricultura;** **Vice-Presidente:** Carlos Viacava, **Diretor da CACEX;** **Secretário-Geral:** José Haroldo Castro Vieira; **Secretário-Geral Adjunto:** Emo Ruy de Miranda; **Coordenador Técnico-Científico:** Paulo de Tarso Alvim; **Coordenador Regional:** José Carlos Castro de Macedo.

BOLETIM TÉCNICO

Publicação de periodicidade irregular, editada pelo Centro de Pesquisas do Cacau (CEPEC), destinada à veiculação de artigos científicos e de divulgação técnica, relacionados com assuntos agrônômicos e sócio-econômicos de interesse das regiões produtoras de cacau, de autoria de pesquisadores e técnicos da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), e eventualmente de técnicos de outras instituições.

Chefe do CEPEC: João Manuel de Abreu; **Chefe Adjunto:** Manoel Malheiros Tourinho. **Comissão de Edição (COMED):** Jorge Octavio Moreno, Coordenador; Ronald Alvim; Maria Bernadeth Machado Santana; Antônio Henrique Mariano; Ariovaldo Matos; Leda Góes Ribeiro; Saulo de Jesus Soria.

Editor: *Jorge Octavio Alves Moreno*

Assinatura anual poderá ser feita mediante o envio de Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros) em cheque nominal à CEPLAC – Divisão de Finanças, pagável em Itabuna, BA, ao seguinte endereço:

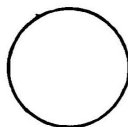
BOLETIM TÉCNICO
CEPLAC/DIBID – Caixa Postal 7
45.600 – Itabuna, Ba

Boletim Técnico I

1970

Ilhéus, Comissão Executiva do Plano
da Lavoura Cacaueira, 1970 –
22,5 cm

1. Cacau – Periódicos. I. Comissão Executiva do
Plano da Lavoura Cacaueira, ed.



CDC 630 7405



Características habitacionais da população residente no meio rural da Região Cacaueira da Bahia

SALVADOR D.P. TREVIZAN
JANETT L.R. FREITAS FERREIRA

Boletim Técnico 120

**Centro de Pesquisas do Cacau
Km 22 Rodovia Ilhéus-Itabuna
Bahia, Brasil**

1983

CARACTERÍSTICAS HABITACIONAIS DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO MEIO RURAL DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA

*Salvador D.P. Trevizan**

*Janett L. R. Freitas Ferreira**

RESUMO

Este trabalho analisa as atuais características habitacionais das famílias residentes no meio rural da região cacaueira da Bahia, a partir de dados levantados em 1980, com amostra de 738 famílias residentes no meio rural da Grande Região Cacaueira da Bahia. As análises foram feitas com o auxílio de quadros de dupla entrada, com quantificação relativa e absoluta. Verificou-se que a população residente no meio rural desta região apresenta-se ainda carente quanto a satisfação de suas necessidades básicas em termos habitacionais.

ABSTRACT

This work analyzes the present housing characteristics of the people living in the countryside of the Cacao Region of Bahia, Brazil. Data was collected in 1980 from a sample of 738 families. Analysis was based on the square of double entrance with relative and absolute quantification. The result showed that the people of this region still lack the basic housing necessities.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise das atuais características habitacionais das famílias residentes no meio rural da região cacaueira da Bahia.

Tornou-se quase uma tradição introduzir o item “moradia” ou equivalente como um dos componentes do nível de vida populacional. Cientistas sociais e instituições internacionais que se preocuparam em compor a relação das necessidades básicas do homem a serem satisfeitas, ou em construir o nível de vida de uma população, introduziram o aspecto residencial. Assim, por exemplo, este tipo de preocupação também está presente nos estudos conduzidos sob o amparo da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Internacional

**Divisão de Ciências Sociais e Estatística, Centro de Pesquisas do Cacau, APT CEPLAC, 45.600, Itabuna, Bahia, Brasil.*

do Trabalho (OIT), conforme cita DEIK (1965). No caso do Nordeste brasileiro, este tema também já tem sido estudado. Assim, por exemplo, GUERREIRO e HOYOS (1983) consideraram também as condições habitacionais como indicadores da qualidade de vida da população rural no Rio Grande do Norte.

Na região cacauzeira da Bahia pesquisas localizadas como a de VIEIRA (1969), em Ibirapitanga, e sua réplica por FERREIRA (1981), quantificaram algumas qualidades das habitações naquele município com o fim de analisar a qualidade de vida dos trabalhadores rurais. NAVARRO e ASMAR (1978), numa pesquisa sobre pequenos produtores de cacau, analisaram também algumas características habitacionais desta categoria populacional, considerando três agrossistemas dentro da região cacauzeira. Também em São Francisco do Conde, hoje um município de cacau no Recôncavo Baiano, BRAGA (1972), analisando as relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores no meio rural, estudou, entre outros aspectos, as condições habitacionais, onde destaca o material de construção e tamanho da residência com relação ao tamanho da família, bem como o sistema de fornecimento de água, luz, esgoto e móveis necessários à residência.

Muito embora trabalhadores e pequenos produtores da região cacauzeira da Bahia, provavelmente na sua maioria, residam no meio rural, é importante, além disto, ter também como alvo a população toda residente no meio rural. Isto é o que se pretende neste estudo.

O conhecimento desta realidade, e no caso específico das características habitacionais, tem muito a ver com o desenvolvimento da qualidade de vida da população, que já é um fim em si mesmo. Atentando-se para o lado econômico, como a produção do setor agrícola, já foi demonstrado por TREVIZAN (1980) a importância que o padrão habitacional rural na região cacauzeira da Bahia desenvolve para a fixação da mão-de-obra na fazenda.

Um trabalho desta natureza encontra sua maior validade prática como subsídio de apoio a programas de desenvolvimento, bem como na indicação das necessidades básicas do homem do campo, que a pesquisa e extensão agrícolas devem levar em consideração antes de mais nada. Se trabalhos anteriores já têm analisado de forma semelhante o mesmo problema nesta região cacauzeira, é preciso ter presente a idéia de que a realidade social é dinâmica, onde o fator econômico é o elemento chave das mudanças que podem ocorrer. A teoria marxista associa as condições de vida da população rural como consequência das transformações no modo de produção. SOARES (1976), em seu trabalho sobre a questão agrária na América Latina, mostrou que as condições de vida da população rural em diferentes países está vinculada ao modo de produção e também às prioridades da política econômica. Por isto, muito mais do que uma tradição, o estudo das características habitacionais, como indicadores do padrão de vida da população rural, impõe-se porque permite observar como a economia regio-

nal vem atuando para a melhoria da qualidade de vida da sua população e quais os aspectos que exigem mudanças. Fique claro, porém, que este trabalho não tem a pretensão de analisar ou propor um modelo causal das características habitacionais. Quanto a isto, o máximo a que se pode chegar aqui é a postulação de hipóteses.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de se detectar possíveis efeitos da lavoura cacauzeira e outros cultivos na qualidade de vida da população rural da região, estabeleceu-se a Grande Região Cacauzeira * como limite geográfico para levantamento de dados, abrangendo, assim, zonas de transição, como é o caso de Vitória da Conquista e Jequié.

O levantamento dos dados foi realizado no período de abril/80 a abril/81, através de amostragem, com seis subamostras para compor uma amostra geral de diferentes realidades do setor agrícola da chamada Grande Região Cacauzeira. Utilizando o censo demográfico da Bahia de 1970, selecionaram-se os municípios de maior densidade demográfica e que, ao mesmo tempo, caracterizassem a agricultura regional. A partir da população residente estimou-se o número de domicílios existentes no meio rural de cada um dos municípios selecionados, considerando-se que 2% dos domicílios rurais seria uma amostra viável. Desta forma, compuseram-se as seguintes subamostras: Ilhéus, 166 domicílios; Itabuna, 69 domicílios; Gandu, abrangendo os municípios de Gandu, Ipiáú e Ibirataia, 141 domicílios; Jequié, 148 domicílios; Guaratinga, 117 domicílios e Vitória da Conquista com 97 domicílios, totalizando a amostra geral 738 domicílios rurais. Na ausência de dados que permitissem uma distribuição aleatória, contou-se com o auxílio de mapas na escala de 1:100.000 elaborados pela SUDENE (1976), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1970), na mesma escala, e pelo Setor de Solos do Centro de Pesquisas do Cacau (1975), na escala de 1:250.000. Segundo a densidade de fazendas identificadas pelos mapas, foram distribuídas as subamostras.

RESULTADOS

A análise das características habitacionais diz respeito ao material de construção da casa residencial e sua amplitude, ao uso de água, luz e esgoto, e localização da mesma com relação ao trabalho.

Antes de mais nada, ao se analisar as características habitacionais do meio rural da região cacauzeira da Bahia, tem-se que levar em consideração, conforme

**Tradicionalmente tem se chamado Grande Região Cacauzeira à região formada pelos municípios plantadores de cacau (atualmente 92 municípios da Bahia), além dos vizinhos na zona de transição da lavoura cacauzeira para outras atividades agrícolas.*

dados levantados pela própria pesquisa em 1980, o fato de que 90% das famílias residentes no meio rural são de trabalhadores assalariados, 9% de proprietários, geralmente pequenos produtores rurais, e 1% de produtores arrendatários. A mesma pesquisa também revelou que 90% das residências ocupadas por famílias de trabalhadores são casas cedidas pelos proprietários das fazendas onde residem. Quase a totalidade destas famílias com casa cedida vive em situação de insegurança porque depende de fatores externos à sua vontade (vontade do proprietário, por exemplo) para continuar residindo na casa. A pesquisa mostrou que apenas 7% das famílias não vivem esse estado de insegurança.

Postas estas considerações, o baixo padrão habitacional no meio rural desta região, mostrado a seguir, adquire o seu sentido próprio.

Material de construção e amplitude das habitações rurais

No que diz respeito à cobertura das casas, usam-se com maior frequência telhas de barro (86%), relativamente de boa qualidade. Outras formas de cobertura são através de telhas eternit, palha (capim ou palmeiras), tabuinha de madeira e barçaça de secar cacau. Vale destacar a baixa porcentagem desta última forma de cobertura (2%), uma vez que já se tem atribuído a ela o cheiro de fumaça no cacau seco. Além disto, a barçaça como forma de cobertura fez-se presente apenas nos municípios de Ilhéus e Itabuna (Quadro 1). O município de Jequié é onde se apresenta maior incidência do uso de palha como forma de cobertura (9%), sempre considerada de péssima qualidade.

Quadro 1 - Tipos de cobertura das residências no meio rural.

Tipos de cobertura das habitações	Subamostra	Gandu	Guaratinga	Ilhéus	Itabuna	Jequié	V. Conquista	Total
		(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)
Laje cimento		0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00 000
Telha		86,33	88,90	79,88	89,71	86,49	91,75	86,36 633
Zinco		0,72	0,85	6,10	2,94	0,00	1,03	2,05 15
Barçaça		0,72	0,00	6,10	2,94	0,00	0,00	1,77 13
Tabuinha		0,00	7,69	1,83	0,00	0,68	0,00	1,77 13
Palha		2,16	0,00	1,22	1,47	9,45	1,03	2,87 21
Piaçava		0,00	0,00	1,22	0,00	0,00	0,00	0,27 2
Telha Eternit		10,07	2,56	3,65	2,94	3,38	6,19	4,91 36
T o t a l		100	100	100	100	100	100	100 733

A construção das paredes com alvenaria é a forma mais freqüente (48%), seguida de adobe e taipa (44%). A freqüência apenas de taipa com ou sem reboco é de 24%. Nas subamostras de Jequié e Vitória da Conquista, adobe é a forma mais utilizada na construção das residências. Jequié é também onde ocorre com mais freqüência (15%) nas casas com paredes de taipa sem qualquer revestimento (Quadro 2).

Quadro 2 - Tipos de paredes das residências no meio rural.

Tipos de parede	Subamostra	Gandu	Guaratinga	Ilhéus	Itabuna	Jequié	V. Conquista	Total
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)
Alvenaria	71,94	40,17	57,50	88,06	14,19	34,74	48,49	352
Madeira preparada	0,00	3,42	10,00	1,49	0,00	1,05	3,03	22
Madeira rústica	0,00	2,56	8,12	0,00	0,68	4,21	2,89	21
Adobe	5,76	10,26	1,88	1,49	56,08	41,05	20,11	146
Taipa revestida	12,95	34,19	14,38	4,48	13,51	14,74	16,25	118
Taipa não revestida	7,91	6,84	7,50	2,99	14,86	3,16	7,99	58
Pedraço de lata	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	000
Outros	1,44	2,56	0,62	1,49	0,68	1,05	1,24	9
T o t a l	100	100	100	100	100	100	100	726

A pesquisa revelou que o piso interno das residências é, geralmente, de cimento (64%). Há, entretanto, elevada incidência de habitações utilizando terra pura (chão batido) (24%). Este tipo é bastante freqüente em todas as subamostras, exceto Itabuna, onde predomina o piso de cimento e aparece em segundo plano o uso de madeira (Quadro 3).

Quadro 3 - Tipos de piso das residências no meio rural.

Tipos de piso	Subamostra	Gandu	Guaratinga	Ilhéus	Itabuna	Jequié	V. Conquista	Total
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)
Madeira preparada	2,13	2,56	5,45	4,41	0,69	1,05	2,74	20
Madeira rústica	0,71	2,56	4,85	4,41	0,00	0,00	2,05	15
Cimento	73,05	54,70	67,88	85,30	55,17	53,68	64,02	468
Cerâmica	6,38	1,71	3,64	0,00	2,76	8,42	3,97	29
Tijolos	0,71	1,71	0,60	2,94	6,21	7,37	3,01	22
Chão batido	17,02	36,76	17,58	2,94	35,17	29,48	24,21	177
T o t a l	100	100	100	100	100	100	100	731

A amplitude das residências fica, de modo geral, na faixa de 20 a 60 m² (69%) (Quadro 4). Em torno de 75% das residências tem de 3 a 6 cômodos. Este aspecto é mais ou menos uniforme para toda a grande região (Quadro 5).

A amplitude da habitação é uma questão relativa, sem muito significado em si, mas que adquire sua configuração concreta na medida em que se associa com o elemento humano. No que diz respeito ao conforto habitacional atribuído à amplitude residencial, tem-se que analisar a quantidade de pessoas por habitação. Quanto a isto, os dados da pesquisa mostraram que a média geral de membros das famílias residentes no meio rural é 5. Esta é também a média de pessoas por habitação das famílias dos trabalhadores, enquanto que a média de pessoas por habitação das famílias dos proprietários eleva-se para 7. Há, entretanto, uma variação grande, podendo-se encontrar 59% de famílias na faixa de 1 a 4 pessoas (Quadro 6). A relação de cômodos por residência apresenta também grande variabilidade. A pesquisa, no entanto, mostrou que, cerca de 50% das residências têm 4 a 5 cômodos, revelando ainda que 36% das pessoas

Quadro 4 - Metros quadrados por residência no meio rural.

Subamostra	Gandu	Guaratinga	Ilhêus	Itabuna	Jequié	V. Conquista	Total	
m ² por residência	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)	
0 a 10 m ²	2,86	0,86	1,81	5,88	0,68	1,05	1,92	14
11 a 20 m ²	12,14	16,38	10,24	17,65	6,85	11,58	11,76	86
21 a 30 m ²	19,28	30,17	22,89	17,65	34,25	11,58	23,67	173
31 a 40 m ²	22,86	21,55	21,69	20,59	25,34	16,84	21,89	160
41 a 60 m ²	27,86	19,83	27,11	22,06	18,50	27,37	23,94	175
61 a 80 m ²	8,57	1,72	7,83	5,88	7,53	16,84	7,93	58
80 a 100 m ²	2,86	6,04	2,41	7,35	2,06	2,11	3,42	25
+ de 100 m ²	3,57	3,45	6,02	2,94	4,79	12,63	5,47	40
T o t a l	100	100	100	100	100	100	100	731

Quadro 5 - Número de cômodos por residência no meio rural.

Subamostras	Gandu	Guaratinga	Ilhêus	Itabuna	Jequié	V. Conquista	Total	
Nº de cômodos por residência	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)	
1 cômodo	3,55	6,90	5,42	11,59	2,03	4,17	5,03	37
2 cômodos	11,35	9,48	12,05	7,25	6,08	12,50	9,92	73
3 "	17,02	18,10	13,25	10,14	8,11	11,46	13,18	97
4 "	29,08	31,03	31,33	24,64	23,65	19,78	27,17	200
5 "	17,73	16,39	14,46	24,64	28,38	16,67	19,43	143
6 "	15,60	12,93	15,66	13,04	18,24	15,63	15,49	114
7 "	0,71	0,86	3,01	7,25	7,43	8,33	4,21	31
+ de 7 cômodos	4,96	4,31	4,82	1,45	6,08	11,46	5,57	41
T o t a l	100	100	100	100	100	100	100	736

residentes no meio rural têm menos de 10 m²/pessoa de residência e menos de 1 cômodo/pessoa, o que acrescenta às condições habitacionais uma situação deprimente.

Energia elétrica, água e sistema sanitário

A presença de energia elétrica, para iluminação e utilização de eletrodomésticos e equipamentos agrícolas motorizados, facilidades de abastecimento de água e água potável, bem como um sistema sanitário com rede de esgoto, são aspirações da população rural que, muitas vezes, emigram para o meio urbano, abandonando o trabalho rural, porque tais facilidades lhes acenam para uma vida melhor. À medida que estes aspectos infra-estruturais estiverem presentes, indicam o padrão de vida de uma população rural, pois eles representam a satisfação de necessidades básicas desta população e, à medida que se fizerem ausentes, indicam a carência sentida por uma população.

No que diz respeito a presença de luz elétrica, os dados gerais mostraram que ela existe para 21% das famílias rurais (Quadro 7). Esta situação se agrava mais na medida em que se afasta da área que centraliza a produção de cacau. Assim, nas subamostras de Guaratinga, Jequié e Vitória da Conquista, atin-

Quadro 7 - Consumo de energia elétrica no meio rural.

Subamostra	Gandu	Guaratinga	Ilhéus	Itabuna	Jequié	V.Conquista	Total	
Consumo de energia elétrica	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)	
Sim	36,96	11,21	27,78	33,82	5,63	11,34	20,89	151
Não	63,04	88,79	72,22	66,18	94,37	88,66	79,11	572
T o t a l	100	100	100	100	100	100	100	723

ge apenas de 5 a 11% das famílias rurais, enquanto que em Gandu, Ilhéus e Itabuna, vai de 27 a 37%, o que ainda representa uma baixa densidade.

Quanto à água utilizada pela população rural, 49% se abastece em rios, riachos ou lagoas; em alguns lugares, como Guaratinga, isto chega a 68%. De modo geral, 42% tem abastecimento particular com encanamento ou com poço, cisterna ou nascente de quintal. No caso particular de Itabuna, este sistema atinge 71% das famílias rurais (Quadro 8). É oportuno mencionar que praticamente não há distância significativa para o abastecimento de água, pois 90% se abastece em menos de 200 m.

Quadro 8 - Formas de abastecimento de água no meio rural.

Subamostra	Gandu	Guaratinga	Ilhéus	Itabuna	Jequié	V.Conquista	Total	
Formas de abastecimento de água	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)	
Encanamento público	1,44	1,71	0,00	0,00	1,39	1,03	0,96	7
Encanamento particular	23,02	11,11	15,43	20,59	29,17	19,59	19,94	145
Poço, cisterna ou nasc. de quintal	11,51	6,84	27,78	50,00	18,05	28,87	21,60	157
Poço, cisterna ou nasc. pública	5,76	12,82	3,70	4,41	10,42	14,43	8,39	61
Lago, rio ou riacho	58,27	67,52	53,09	25,00	40,28	36,08	48,97	356
Outros	0,00	0,00	0,00	0,00	0,69	0,00	0,14	1
T o t a l	100	100	100	100	100	100	100	727

Ao se considerar o tratamento dado à água bebida pela população (Quadro 9) há elevada porcentagem dos que filtram (42%), mas a maior incidência recai naqueles que afirmam não haver qualquer tratamento (47%). Vale salientar que 56% dos que se abastecem em lagoa, rio ou riacho, se encontram entre estes últimos (Quadro 10).

O sistema sanitário talvez seja o mais carente no meio rural, onde a pesquisa revelou que 64% das residências não têm qualquer instalação sanitária. Isto se manifesta com maior intensidade em Guaratinga e Vitória da Conquista (até 74%), e adicionando-se a isto o sistema de latrina sem fossa, chega-se a atingir a taxa de 80%. Em Gandu e Ilhéus a situação apresenta-se melhor, havendo maior frequência de rede de esgoto e latrina com fossa séptica (31% e 24%, respectivamente) (Quadro 11).

Quadro 9 - Formas de tratamento da água que se bebe no meio rural.

Subamostra	Gandu	Guaratinga	Ilhêus	Itabuna	Jequiê	V. Conquista	Total	
Tratamento de água	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)	
Filtrada	48,20	50,43	41,36	36,76	38,90	31,96	41,92	304
Fervida	4,32	0,00	1,23	0,00	0,69	1,03	1,38	10
Tratada	0,00	0,00	0,62	0,00	0,00	0,00	0,14	1
Cooda	7,91	2,61	5,56	13,24	15,97	10,31	8,97	65
Nenhum tratamento	39,57	46,96	51,23	47,06	44,44	56,70	47,31	343
Não sabe	0,00	0,00	0,00	2,94	0,00	0,00	0,28	2
T o t a l	100	100	100	100	100	100	100	725

Localização

O habitat da população rural, em princípio, quase sempre se identifica com seu ambiente de trabalho. Isto se revela para a região cacauera quando se encontra mais de 70% das famílias residindo na sede da propriedade onde trabalham ou, no máximo, mil metros distante do local de trabalho.

Pode-se afirmar que as habitações das famílias que compuseram a amostra desta pesquisa são as mais bem situadas, pois 87% das residências têm acesso a automóvel (Quadro 12). Este aspecto se torna relevante para as considerações finais dos dados apresentados. A partir disto, por mais pessimistas que possam parecer as características habitacionais da população rural na região cacauera, pode-se ter a certeza de que a realidade total não é menos denegrecidora do que esta.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Ao se estabelecer um paralelo com outras pesquisas que analisaram condições habitacionais na região cacauera tradicional da Bahia, pode-se ter uma visão crítica da contribuição da economia cacauera para a melhoria do padrão de vida na região. Para isto, podem ser tomados três pontos de referência: dados levantados por VIEIRA (1969), em Ibirapitanga, dados levantados por NAVARRO e ASMAR (1978), em três diferentes agrossistemas da região cacauera, replicação de VIEIRA por FERREIRA (1981) e a comparação com os dados levantados em 1980 para seis diferentes subamostras, compondo uma amostra representativa da grande região cacauera considerada neste trabalho. Para estabelecer o paralelo, tomaram-se algumas variáveis que representam pontos angustiantes que mereceram a atenção das pesquisas mencionadas. Tomaram-se, por exemplo, as seguintes variáveis: habitações construídas de adobe ou taipa; habitações com piso de terra pura (chão batido); habitações com uso de luz elétrica.

Organizando tais variáveis, conforme o ano de levantamento dos dados, obtém-se o Quadro 13 sobre a evolução de algumas características habitacionais na região cacauera.

Quadro 10 - Sistema de abastecimento de água no meio rural.

Tratamento da água que se bebe	Sistema de abastecimento	Encanamento público (%)	Encanamento particular (%)	Poço, cisterna ou nascente de quintal (%)	Poço, cisterna ou nascente pública (%)	Lago, rio ou riacho (%)	Outros (%)	Total (Relativo e Absoluto)
Filtrada		42,86	55,56	40,76	40,98	36,90	0,00	41,36 304
Fervida		0,00	0,69	1,91	0,00	1,69	0,00	1,36 10
Tratada		0,00	0,69	0,00	0,00	0,00	0,00	0,14 1
Coadá		14,28	8,33	15,29	16,40	5,07	0,00	8,84 65
Nenhuma		42,86	34,73	40,13	42,62	56,06	14,29	46,67 343
Não sabe		0,00	0,00	1,27	0,00	0,00	0,00	0,27 2
Outros		0,00	0,00	0,64	0,00	0,28	85,71	0,36 10
T o t a l		100	100	100	100	100	100	100 735

Quadro 11 - Sistema de instalação sanitária no meio rural.

Subamostra	Gandu	Guaratinga	Ilhêus	Itabuna	Jequiê	V.Conquista	Total	
Sistema Sanitário	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)	
Rede esgoto	12,23	1,72	12,42	10,29	6,94	5,16	8,41	61
Cisterna de poço	2,88	12,93	5,59	10,29	6,25	11,34	7,59	55
Latrina c/fossa séptica	18,70	2,59	11,18	11,77	9,72	4,12	10,07	73
Latrina s/fossa séptica	12,23	6,90	6,83	17,65	11,11	5,15	9,52	69
Fora de casa sem lugar definido	53,96	75,86	63,98	50,00	65,98	74,23	64,41	467
T o t a l	100	100	100	100	100	100	100	725

Quadro 12 - Formas de acesso à residência no meio rural.

Subamostra	Gandu	Guaratinga	Ilhêus	Itabuna	Jequiê	V.Conquista	Total	
Formas de acesso	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Relativo e Absoluto)	
a pé	7,91	12,07	6,10	5,80	12,84	11,46	9,43	69
A cavalo	2,88	1,72	2,44	7,25	4,73	1,04	3,14	23
De carroça	0,00	0,86	0,00	0,00	0,00	0,00	0,14	1
De automóvel	89,21	85,35	91,46	86,95	82,43	87,50	87,29	639
Outros	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	000
T o t a l	100	100	100	100	100	100	100	732

Duas das quatro pesquisas efetuadas referem-se exclusivamente ao município de Ibirapitanga e duas à região cacauzeira como um todo*. Na hipótese que a realidade do meio rural de Ibirapitanga possa ser extensiva ao meio rural da região cacauzeira, visualiza-se mudança significativa, através do tempo, na redução de construções de residências com chão batido e no aumento do uso de luz elétrica. Tais mudanças, no entanto, não foram suficientes para encobrir a elevada carência nos referidos pontos. Se se atentar para as construções com taipa ou adobe, não se pode reconhecer qualquer melhora através dos anos. É oportuno, entretanto, sugerir, para outras pesquisas, a separação entre construções de taipa e de adobe, já que este último tipo de material aparenta com muita frequência construções de boa qualidade, mas que nas pesquisas anteriores não se tem computado isoladamente.

Esta análise comparativa poderia ser extensiva a outras variáveis que, provavelmente, mostrariam deficiências semelhantes. Assim, observa-se que a economia regional deixa muito a desejar para satisfação das necessidades básicas da sua população, muito embora se trate de uma região com poder relativamente elevado de geração de riqueza. Esta situação, no entanto, deve ser entendida dentro do contexto sócio-econômico da região, tomando-se como base o sistema de produção, especialmente no cultivo do cacau e as respectivas relações de produção que nele se estabelecem. Ou seja, como os residentes se relacio-

*Os dados de NAVARRO e ASMAR (1976) analisam a região cacauzeira tomando para isto três diferentes agrossistemas dentre os quais está o agrossistema de Ibirapitanga (ASI).

Quadro 13 - Análise histórica comparativa de características habitacionais na região cacauzeira da Bahia, 1968 - 1980.

Características habitacionais	1968	1976	ASI*	1980	1980
	Ibirapitanga	Região cacauzeira		Ibirapitanga	Região cacauzeira
Construções de adobe e taipa	46,27%	50%	55%	31,48%	44%
Construções com piso de chão batido	54,47%	27%	30%	12,96%	24%
Uso de luz elétrica	2,00%	-	-	33,33%	20%

* ASI = Agrossistema Ibirapitanga

nam com a propriedade e com a casa em que residem e quais são as relações sociais decorrentes deste relacionamento, como foi indicado brevemente, em termos quantitativos, no início do terceiro item. A população rural, caracterizada como uma população assalariada, evidencia-se como uma massa desprovida da posse dos instrumentos de trabalho e do capital para produzir.

Na análise marxista da evolução do capitalismo na agricultura, tal realidade define o modo de produção e, por sua vez, afeta as condições de vida da população rural. Este enfoque mostra-se apropriado para entender as precárias condições de vida da população residente no meio rural desta região cacauzeira.

Desta forma, mantendo-se as atuais relações sociais de produção, há poucas chances de se mudar o atual padrão habitacional no meio rural, a não ser com uma política que estimule ou force o proprietário rural a oferecer melhores condições habitacionais ao trabalhador em sua fazenda. Tal política poderia, por exemplo, vincular-se à política de crédito agrícola, que pode ser benéfica quando específica e orientada, e à política de incentivo fiscal. Além disto, a ação do Governo a nível de município certamente contribuiria para amenizar os problemas locais. Isto, entretanto, envolve uma opção de prioridade da política econômica para a solução dos problemas do meio rural como uma forma de frear inclusive os problemas sociais do meio urbano.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio logístico recebido da Divisão de Processamento de Dados através de vários colegas, especialmente de Ernande Teixeira Moreira; aos enumeradores da Divisão de Ciências Sociais e Estatística, particularmente Eduardo Celso Nader Almeida no trabalho de utilização do terminal de computador, para obtenção de relatórios de dados, e às escriturárias Lêda Virgínia Santos e Isabel Cristina Gama Machado, da mesma Divisão, pelos trabalhos de datilografia.

LITERATURA CITADA

- BRAGA, C. 1972. Relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores no meio rural; um estudo de caso. Cadernos do CEAS (Brasil) nº 20. pp. 5–15.
- DEIK, V.L. 1965. Nivel de vida familiar en el area estanzuela; aspectos metodológicos. Montevideu. IICA. 40p.
- FERREIRA, J.L.R.F. 1981. A mão-de-obra em fazendas de cacau, Ibirapitanga, Bahia — reestudo. Tese Mestrado. Viçosa, MG, Brasil, Universidade Federal de Viçosa. 157p.
- GUERRERO, S.L. e HOYOS, L.E.A. 1983. Qualidade de vida: opção teórica e metodológica. Revista de Economia Rural (Brasil) 21(2):173–192.
- NAVARRO, Z.S. e ASMAR, S.R. 1978. Os pequenos produtores de cacau: um estudo em três áreas do Sul da Bahia. Ilhéus, CEPLAC/CEPEC/ Divisão de Sócioeconomia, 146p.
- SOARES, G.A.D. 1976. A questão agrária na América Latina. Rio de Janeiro, Zahar. pp. 146–175.
- TREVIZAN, S.D.P. 1980. Aspectos sócio-econômicos da mão-de-obra na cacauicultura baiana. Ilhéus, BA, Brasil. CEPLAC/CEPEC. Boletim Técnico nº 77. 31p.
- VIEIRA, J.R.C. 1969. Alguns aspectos sócioeconômicos relacionados com a mão-de-obra em fazendas de cacau, Ibirapitanga, Bahia, Brasil. Tese Mestrado. Turrialba, Costa Rica, IICA. 137p.

INFORMAÇÕES AOS COLABORADORES

1. Serão aceitos para publicação artigos científicos e de divulgação técnica, relacionados com assuntos agronômicos e sócio-econômicos de interesse das regiões produtoras de cacau.

2. São da exclusiva responsabilidade dos autores as opiniões e conceitos emitidos nos trabalhos. Contudo, à Comissão Editorial reserva-se o direito de sugerir ou solicitar modificações aconselháveis ou necessárias.

3. Os trabalhos deverão ser encaminhados em 3 vias (original e duas cópias) datilografadas em uma só face do papel em espaço duplo e com margens de 2,5 cm. O texto deverá ser escrito corridamente, sem intercalações de figuras e quadros, que feitos em folhas separadas, devem ser anexados ao final do trabalho, acompanhados das respectivas legendas.

4. As figuras (gráficos, desenhos, mapas ou fotografias) não deverão ultrapassar a medida de 18 x 20 cm. Os gráficos e os desenhos serão feitos com tinta nanquim em papel vegetal; as fotografias, somente aceitas em preto e branco, serão copiadas em papel brilhante com bom contraste; os mapas serão confeccionados no tamanho máximo de 40 x 50 cm e em escala adequada a receberem redução para 11,5 x 18 cm, espaço máximo a ser ocupado pela mancha da página.

5. Os quadros deverão ser explicativos por si mesmos, podendo ser datilografados em papel deitado no tamanho máximo de folha ofício.

6. Deverá ser evitada a duplicidade de apresentação de dados, isto é, a apresentação simultânea em gráficos e quadros, cabendo ao(s) autor(es) optar(em) por uma delas.

7. Os trabalhos de pesquisas deverão ser organizados seguindo o estilo científico: Título, Resumo, Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão (ou a combinação dos dois últimos), Conclusões, Agradecimentos (quando for o caso) e Referências.

8. Aos trabalhos descritivos e monografias será reconhecida liberdade de estilo. Neste caso, contudo, o editor permite-se, quando necessário, proceder alterações para sanar falhas de estilo e especialmente evitar ambigüidades, consultando os autores em caso de dúvida. Qualquer que seja a forma de apresentação é indispensável a preparação de breve resumo do conteúdo do trabalho e sua tradução para o idioma inglês, a fim de compor o Abstract. Não se aceitam citações bibliográficas em notas de rodapé.

9. Deverão constar na primeira página, em chamada de rodapé, a qualificação profissional e endereço do(s) autor(es).

10. As citações bibliográficas no texto deverão ser feitas pelo sistema autor—ano. A Literatura Citada obedecerá a ordem alfabética dos nomes dos autores. Trabalhos de um mesmo autor serão citados na ordem cronológica das datas em que foram publicados, e quando do mesmo ano serão distinguidos acrescentando-se letras minúsculas ao número indicativo do ano (a, b, c etc.). Trabalhos até de três autores serão citados pelos nomes de todos, e de quatro ou mais, pelo nome do primeiro, seguido de et al., e o ano.

